



Revista Diálogos Interdisciplinares **GEPFIP/UFMS/CPAQ**

**Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores**

PREFÁCIO

Janete Rosa da Fonseca ¹

Giovanna Bastos de Almeida ²

Monique Terezinha Cezário Eleutério ³

Neste dossiê os autores, mestrandas e mestrandos, doutorandos, professores e pesquisadores, do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana (PPGCULT/UFMS/CPAQ) e de outras instituições como a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) apresentam estudos, reflexões, acerca de temáticas desenvolvidas na disciplina de Tópicos Especiais em Estudos Culturais: Crítica Feminista e Perspectivas Interseccionais e dos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa em Estudos Decoloniais (GPED/UFMS/CNPQ).

A proposta deste Dossiê está imbricada com a necessidade de compreender como a Teoria Crítica pode contribuir para a realização de uma teoria feminista, quanto como o feminismo é condição para a elaboração de uma teoria crítica e a necessidade de se fomentar o debate sobre isso.

Trazendo ainda através das pesquisas que foram realizadas um aprofundamento do debate da teoria crítica em torno das questões da dominação de gênero e da política feminista, com dimensões interseccionais, classe, raça e sexualidade.

As epistemologias do Sul emergem como um campo crítico que visa descolonizar o conhecimento hegemônico, predominantemente eurocêntrico, ao valorizar saberes subalternizados e perspectivas provenientes dos contextos periféricos do mundo. Essa abordagem epistemológica não apenas questiona as estruturas de poder existentes na produção do conhecimento, mas também propõe alternativas baseadas em múltiplas formas de conhecimento, especialmente aquelas marginalizadas pelo colonialismo, pelo patriarcado e pela lógica capitalista global. Nesse sentido, as epistemologias do Sul se articulam com a decolonialidade, a teoria crítica feminista e a interculturalidade, formando

¹Doutora em Educação. Pós-doutora em Neurociência (FURG), pós-doutora em Educação (UCDB), Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ, Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Decoloniais – GPED.

²Mestranda do Programa de pós-graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ.

³Mestranda do Programa de pós-graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ.



uma rede conceitual e política que busca democratizar o saber e promover a justiça cognitiva.

A decolonialidade, originada a partir das reflexões latino-americanas e africanas, constitui um eixo central das epistemologias do Sul. Esta perspectiva enfatiza a necessidade de romper com a colonialidade do poder, do saber e do ser, que permanece estruturalmente presente mesmo após a independência política forma das colônias. A colonialidade do saber refere-se à dominação epistemológica imposta pelas ciências ocidentais, que relegam outros saberes a um status inferior ou os desconsideram completamente. Ao problematizar essa hegemonia, a decolonialidade propõe a valorização de epistemes plurais, reconhecendo os saberes indígenas, afrodescendentes e populares e outras formas de conhecimento tradicionais como legítimas e imprescindíveis para uma compreensão mais ampla e justa do mundo.

Paralelamente, a teoria crítica feminista contribui decisivamente para as epistemologias do Sul ao destacar as interseções entre gênero, raça, classe e outras categorias sociais na construção do conhecimento. A crítica feminista desconstrói as masculinidades hegemônicas e o androcentrismo que permeiam as ciências e as práticas epistemológicas tradicionais. Ao evidenciar como opera o patriarcado para silenciar vozes femininas e marginalizadas, especialmente aquelas das mulheres negras, indígenas e rurais, a teoria crítica feminista amplia o escopo das epistemologias do Sul ao incluir olhares que transcendem as dicotomias binárias impostas pelo conhecimento colonizador. Assim, a interseccionalidade torna-se ferramenta fundamental para entender as múltiplas opressões e produzir conhecimentos que reflitam a complexidade das experiências subalternizadas.

A interculturalidade, por sua vez, surge como princípio orientador para o diálogo entre saberes diversos dentro das epistemologias do Sul. Diferentemente do multiculturalismo que tende a pesar a coexistência de diferentes culturas sem necessariamente promover interação ou transformação, a interculturalidade implica um processo dialógico, no qual o encontro entre saberes ocorre de maneira horizontal e respeitosa. Isso pressupõe a superação de estruturas cognitivas e a construção de espaços nos quais os diferentes sujeitos podem compartilhar suas cosmovisões e práticas de forma recíproca. A interculturalidade, nesse contexto, não é um simples reconhecimento da diferença cultural, mas uma prática epistemológica que fortalece a diversidade cognitiva, valorizando especialmente os saberes produzidos nas margens do sistema-mundo capitalista e colonial.

A confluência entre essas três abordagens — decolonialidade, teoria crítica feminista e interculturalidade — dinamiza as epistemologias do Sul, pois permite uma crítica mais abrangente às formas tradicionais de produção do conhecimento e potencializa práticas mais inclusivas e justas. Essa articulação visa, sobretudo, romper com os mecanismos de exclusão epistemológica e abrir espaço para uma pluralidade de vozes que historicamente foram silenciadas. Além disso, essa



interseção fortalece a luta pela justiça social e cognitiva, pois permite que o acesso ao saber seja fundamental para a emancipação dos grupos subalternizados.

Na prática acadêmica e social, as epistemologias do Sul têm inspirado pesquisas e movimentos que resgatam e valorizam os saberes locais, indígenas e populares, assim como pautam políticas públicas que promovem a equidade cultural e de gênero. Esses esforços são determinantes para a construção de um conhecimento situado, que dialoga com as realidades concretas dos povos e não apenas reproduz modelos universais, abstratos e descolados dos contextos socioculturais. Além disso, a incorporação da teoria crítica feminista nas epistemologias do Sul reforça a necessidade de incluir a perspectiva de gênero e as lutas feministas como parte integrante desse processo de descolonização epistêmica.

Desta forma, as epistemologias do Sul representam um campo essencial para a resistência contra as imposições do conhecimento colonial, patriarcal e etnocêntrico, propondo uma nova matriz de produção do saber fundamentada na pluralidade, no respeito e na justiça. A interseção com a decolonialidade assegura a crítica estruturante sobre as heranças coloniais; a teoria crítica feminista amplia a análise ao incorporar questões de gênero e interseccionalidade; a interculturalidade oferece uma metodologia para o diálogo e a convivência entre saberes diversos. Juntas, essas perspectivas configuram um horizonte promissor para a construção de epistemologias emancipatórias que contribuem para sociedades mais justas, igualitárias e democraticamente plurais.

Na disciplina Tópicos Especiais em Estudos Culturais: Crítica Feminista e Perspectivas Interseccionais, foram realizados debates intensamente atravessados pela interculturalidade. Esse tópico movimentou as discussões e contribuiu significativamente para o aprofundamento do diálogo entre saberes e visões diversas sobre a teoria feminista. Concomitantemente, as trocas acerca dos textos escolhidos para a disciplina tiveram o tema da interseccionalidade sempre presente, motivando os pesquisadores a olhar além dos objetos de pesquisa já estabelecidos e perceber mais nuances que envolvem as relações sociais.

Foram discutidos textos de autoras como Simone de Beauvoir, Gayatri Spivak, Judith Butler, Angela Davis e bell hooks, fundamentais para o aprofundamento teórico sobre gênero, desigualdades entre categorias sociais e a perspectiva decolonial sobre estes e outros temas relacionados ao social e às relações. O feminismo também pôde ser discutido a partir da leitura de Escosteguy sobre os relatos de Stuart Hall acerca de seus primeiros contatos com o movimento feminista, marcados pelo desconforto diante das transformações que esse movimento provocava no campo intelectual. Michel Foucault, em fragmentos do livro *A História da Sexualidade*, v. 1, também foi alvo de ávida leitura e interpretações que contribuíram para enriquecer os debates sobre poder e dominação de gênero.



Lélia Gonzalez e Patricia Hill Collins protagonizaram as discussões que cruzaram o feminismo com a pauta racial, enfatizando a relevância do olhar interseccional sobre as temáticas sociais. Textos de autoras como Maria Lugones e María Elvira Díaz-Benítez fomentaram o diálogo sobre decolonialidade e a importância da desconstrução do pensamento hegemônico para o aprofundamento da teoria crítica e dos feminismos plurais que se estruturaram ao longo da história.

A leitura discutida de todos esses autores colocou em evidência como gênero, raça, classe, sexualidade e colonialidade se cruzam, promovem desigualdades sociais e não podem ser compreendidos de forma isolada, exigindo abordagens que reconheçam a complexidade das experiências humanas. Nesse sentido, a interlocução entre diferentes autoras e autores e as contribuições dos discentes possibilitaram compreender que a pesquisa acadêmica se fortalece quando incorpora múltiplas perspectivas e se dispõe a questionar categorias aparentemente consolidadas.

O acesso à perspectiva assimilada por cada discente, refletida nos artigos produzidos a partir da disciplina para este dossiê, tem muito a contribuir para a construção do pensamento do pesquisador. Os debates bordados pela interculturalidade, possível a partir de visões tão diversas entre si sobre cada um dos temas discutidos (e por que não aprendidos?), dão o toque democrático que conecta o pequeno espaço da sala de aula a mais realidades. A disciplina e as trocas entre os colegas impactam de forma significativa o fazer pesquisa e ampliam a compreensão sobre a pluralidade do mundo.

Os artigos que compõem este dossiê foram avaliados e aprovados por um Conselho Editorial Especial, constituído especificamente para a apreciação dos trabalhos desta edição e composto por pesquisadores doutores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Participar desse percurso formativo também nos permitiu compreender que descolonizar o conhecimento não significa apenas incorporar novas autoras, novos autores e conceitos ao repertório acadêmico. Implica rever nossos modos de pesquisar, ensinar, escutar e interpretar o mundo, questionando as hierarquias que determinam quais conhecimentos são reconhecidos como legítimos. Esse movimento exige uma postura ética diante das experiências e dos saberes produzidos por sujeitos historicamente silenciados, aproximando a universidade das diferentes realidades sociais e culturais que a constituem.

Assim, este dossiê não se apresenta como um conjunto de respostas encerradas, mas como expressão de um processo coletivo de aprendizagem, diálogo e deslocamento. Esperamos que os textos aqui reunidos provoquem novas perguntas, ampliem as possibilidades de interlocução e fortaleçam pesquisas comprometidas com a pluralidade epistemológica, a justiça social e a transformação das relações de poder.